

ARTICULAÇÃO ENTRE TERREIROS E QUILOMBOS NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA – PR

Caio Shigueharu Kataoka

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

kataoka.cs@gmail.com

Tanize Tomasi Alves

Cicilian Luiza Löwen Sahr

Resumo: A partir do Terreiro de Candomblé e Umbanda da Sociedade Afro-brasileira Cacique Pena Branca, localizado em área urbana, buscou-se estabelecer articulações com a Comunidade Quilombola de Santa Cruz, localizada em área rural do município de Ponta Grossa-PR. Para isto adotaram-se metodologias e técnicas pautadas nos fundamentos da “descrição densa” de Clifford Geertz (1973), tornando a “observação participante” como procedimento para a apreensão dos aspectos sociais que estão entrelaçados à prática religiosa afro-brasileira de uma parcela da comunidade quilombola. O conceito de lugar sob o viés humanístico trouxe o aporte teórico para esta reflexão, cuja abordagem centrou-se nas acepções de Tuan. Com relação às espacialidades do terreiro, foram observados no seu interior tanto elementos filantrópicos como religiosos. Concluiu-se que as religiões de raízes afro-brasileiras se apresentam para os quilombolas como uma prática religiosa paralela a crença católica, praticada na própria comunidade.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola, Lugar, Religiões Afro-brasileiras.

Introdução

Este trabalho foi resultado do Projeto de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq realizado no período de agosto de 2011 à julho de 2012, conforme o projeto de pesquisa “De colônia a quilombo: a trajetória socioespacial de Santa Cruz” desenvolvido sob a orientação da Dra. Cicilian Luiza Lowen Sahr e co-orientação da Ma. Tanize Tomasi Alves.

O presente estudo teve como recorte de pesquisa o “Terreiro de Candomblé e Umbanda da Sociedade Afro-brasileira Cacique Pena Branca”, que se localiza no Bairro Colônia Dona Luiza, zona urbana do município de Ponta Grossa. A partir disso objetivou produzir reflexões a respeito da vivência sociocultural quilombola de uma parcela de indivíduos da Comunidade Santa Cruz que participa das atividades do terreiro.

A Comunidade Santa Cruz de acordo com Tomasi e Sahr (2012, p. 111) está localizada no distrito de Guaragi, que se situa na área rural do município de Ponta Grossa, na margem direita da PR-151 (sentido Ponta Grossa – Palmeira), mais especificamente no km 15. A comunidade é relativamente pequena se constituindo por 12 famílias, que juntas vivenciam práticas tradicionais.

Articulado a isso, o terreiro mencionado foi criado em 1988 pela esposa do líder quilombola, a sacerdotisa/Ialorixá¹ do terreiro, a qual estabeleceu antes de sua união matrimonial, como centro espírita denominado “Sociedade Espírita Cacique Pena Branca”. Destarte, com os laços matrimoniais, ele foi unificado com a “Casa da Aprendizagem Criança Feliz” - creche criada pela Ialorixá em 1985 -, na associação privada “Sociedade Afro-brasileira Cacique Pena Branca”. Assim, foi estabelecido um alicerce entre as práticas filantrópicas com as religiosas num mesmo lugar, o terreiro.

Aspectos Metodológicos

A perspectiva metodológica adota as concepções de Clifford Geertz (1973) que considera a cultura como uma teia de significados em constante mutação produzido pelo ser humano, por indivíduos em relação de interdependência, que (re)constroem e (re)significam a cultura de acordo com uma apreensão subjetiva da realidade. Nesse termos, a parcela de indivíduos da Comunidade Santa Cruz que frequentam o terreiro praticam culturalmente a religiosidade de raiz afro-brasileira, construindo significados e simbolismos de sua vivência em uma espacialidade tida enquanto um lugar.

De acordo com esses pressupostos foi utilizado o método da descrição densa e da observação participante seguindo o viés da semiótica, buscando coletar as informações singulares dos discursos socioculturais dos indivíduos com o objetivo de se fazer uma análise interpretativa. Existe, dessa forma, a noção da cultura humana enquanto um “texto” que deve ser decodificado para a inteligibilidade do seu significado. Assim, foi estabelecida uma tentativa de aproximação do sujeito-pesquisador com o grupo focado com a intenção de fundar um diálogo mais íntimo e recíproco, com a aplicação de entrevistas dialógicas informais e coleta de dados qualitativos.

O processo de pesquisa foi estruturado em dois momentos. O primeiro ocorreu na realização da entrevista com o líder quilombola e sua esposa a Ialorixá do terreiro, onde foi possível coletar informações descritivas valiosas. Neste encontro foi destacado os aspectos relacionados à vivência quilombola no terreiro, assim como àqueles condizentes aos aspectos culturais e religiosos que inter-relacionam os quilombolas de Santa Cruz às práticas religiosas de raízes afro-brasileiras externas à comunidade. Nesta ocasião, realizou-se também uma visita guiada e explicativa nas instalações do terreiro onde foi evidenciado algumas representações simbólicas – tanto materiais como imateriais - significativas à religião de Candomblé e Umbanda.

No segundo momento, valeu-se da observação participante no acompanhamento de um trabalho religioso no terreiro, em que se pôde evidenciar a prática religiosa em um de seus rituais. No rito destacou-se os trajes característicos, oferendas, simbologias e comportamentos, organizados em torno da vivência religiosa afro-brasileira. Notou-se que essa parcela de indivíduos buscam através desta espacialidade ensinar

1 Este é o mais alto grau hierárquico: é o chefe do terreiro que também pode ser denominado Diretor de culto. Aquele ou aquela que dirige o terreiro e que exerce toda a responsabilidade espiritual dentro dele. É o pai ou a mãe de santo responsável pela feitura dos médiuns, os filhos de santo. Ver <http://paimane.com/conversa-de-terreiro/bablorixa-ialorixa/>.

um sentimento de lugar em torno de uma experiência religiosa, que só é possível numa relação de exterioridade para com a Comunidade de Santa Cruz.

Discussão e Resultados

O fundamento teórico da presente pesquisa está baseada nos postulados da geografia humanista, a qual está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na eventualidade, proporcionando relevância ao singular e não ao particular ou o universal. Ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real (CORRÊA, 2009, p. 30). Essa perspectiva está calcada nas filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo.

Especificamente adota-se o conceito de lugar conforme a perspectiva da experiência de Tuan (1983, p. 151). Para o autor o lugar possui um “espírito”, uma “personalidade”, existindo um “sentido de lugar” que se manifesta pela apreciação simbólica, visual ou estética, pelos sentidos a partir de uma vivência contínua: “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”. Nesse sentido, a experiência singular dos indivíduos em uma espacialidade específica enseja a apreciação de um lugar, que é construído através de uma relação imbuída de afetividade, substância e sentimento à subjetividade e na dependência intersubjetiva, ou seja, na troca com outras pessoas. Considera-se, por assim dizer, que os indivíduos estão no seu “lugar” quando se sentem bem numa dada espacialidade onde os acontecimentos que ali ocorreram ou estão ocorrendo comportam parte significativa de suas vidas.

Dessa forma, por meio da observação participante e da descrição densa foi possível identificar um sentido de lugar dos indivíduos para com a espacialidade do terreiro, na qual se manifesta em um ambiente de socialização conectado à religiosidade afro-brasileira que estabelece um elo conectivo com a Comunidade de Santa Cruz, onde se observa uma religiosidade divergente, a crença católica.

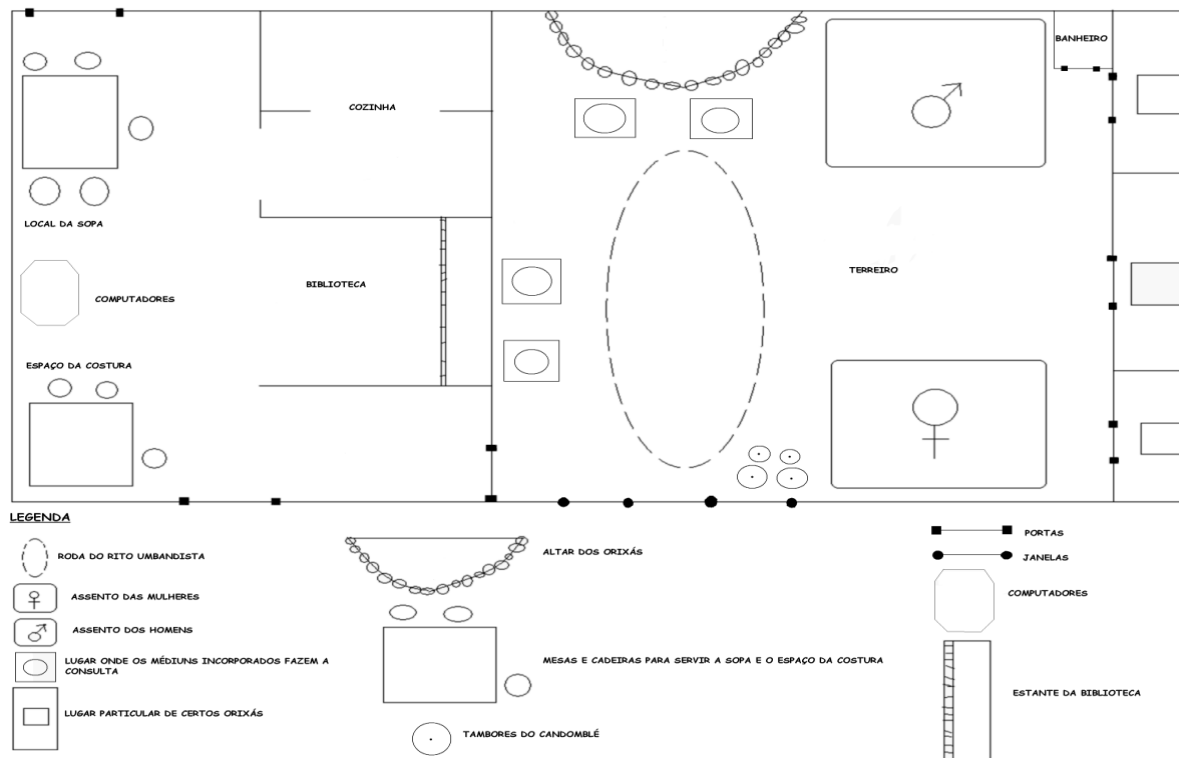
Para além dessas considerações, a espacialidade do lugar “Terreiro de Candomblé e Umbanda” (Figura 1) pode ser percebido sob duas perspectivas. A primeira se refere às atividades ligadas à questão religiosa, enquanto a outra evidencia ações de caráter filantrópico, no entanto, ambas se entrelaçam quando se pensa nos preceitos das religiões de candomblé e umbanda: caridade, compaixão, fé e amor.

Sobre a primeira perspectiva, as práticas religiosas segundo a Ialorixá do terreiro têm uma participação de um total de 3.000 pessoas, destas 291 são filhos de santo, os quais frequentam aleatoriamente os trabalhos no terreiro. Neste há a presença de orixás² representados nas paredes do terreiro: Ewá, Oxum, Oxalá, Nanã, Omulú, Iansã, Obá, Logun-Edê, Ossain, Oxóssi, Ogum, Erês, Iemanjá/Janaína (representa Iemanjá) e Exú. Alguns destes também estão representados por estátuas de santos católicos: Oxóssi (São Sebastião), Iansã (Santa Barbará), Nanã (Nossa Senhora Sant’ana) e Xangô (São Jerônimo). Há ainda no terreiro, estátuas de caboclos, pretos-velhos, ciganos, crianças e baianos,

2 Orixás são elementos da natureza. Cada orixá representa uma força da natureza. Ver <http://www.orixas.com.br/index.php/o-que-e-orixa>

entidades cultuadas apenas pela Umbanda. Os orixás e/ou entidades tem pontos de oferendas de alimentos, objetos, bebidas e velas.

Figura 01 – Croqui do Terreiro de Candomblé e Umbanda da Sociedade Afro-brasileira Cacique Pena Branca



Org: KATAOKA (2012), Caio Shigueharu.

Sobre a segunda perspectiva, o terreiro desenvolve diferentes trabalhos, sejam eles de ensinamento aos novos integrantes ou de proteção e cultos aos orixás e entidades. Estas atividades são ministradas pela Ialorixá com o auxílio de seu esposo que é Ogã, isto é, pessoa que comanda os toques dos atabaques durante os rituais. Outros seis quilombolas de Santa Cruz participam dos ritos do terreiro desempenhando atividades importantes nas práticas religiosas. Eles são filhos de santo, e, portanto, tem papéis destacáveis durante os mesmos. Outros quatro quilombolas são apenas participantes, não executando papéis.

Estes quilombolas não apenas participam deste lugar religioso, mas também executam papéis e atividades significativas na Capela Senhor Bom Jesus na Comunidade Quilombola de Santa Cruz. Esta abriga práticas católicas tradicionais, como a festa do padroeiro que acontece todos os anos no mês de agosto. Assim, tem-se a espacialidade do lugar construída em torno de cinco diferentes atividades filantrópicas. A primeira delas, a sopa comunitária, desenvolve-se uma vez por semana, onde a Ialorixá, que também é a atual presidente da associação, assume o papel de cozinheira ofertando a alimentação para as crianças carentes do bairro. Uma fonte de recursos para a compra dos alimentos são as atividades da costura e artesanato. Esta atividade conta com o auxílio de duas filhas de santo, ambas quilombolas, que ministram as aulas para as mulheres do clube de mães da associação. Mulheres chefes de família recebem cursos de magia russa, crochê, costura e bordado, além da dança africana maculelê. Estas atividades são realizadas três

vezes na semana. O ensino de informática, assim como, a disponibilidade de livros do projeto biblioteca comunitária, são recentes, e ainda vem sendo implantados em contra-turno escolar.

Considerações Finais

O Terreiro Cacique Pena Branca é um lugar onde se tem uma estrutura espacial complexa que se articula por laços de parentesco diretamente com a Comunidade Quilombola de Santa Cruz. Nele, o mesmo espaço tem múltiplas funções, sendo lugar para a costura, confecção e venda de artesanato. É também lugar para o projeto biblioteca comunitária, casa de aprendizagem (informática) e distribuição de sopa. A principal função do lugar são as práticas e atividades religiosas. Desse modo, temos terreiro e quilombo articulados por uma espacialidade que expressa a vivência religiosa de parte do grupo quilombola.

Referências

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia: Conceitos e Temas*. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 352p.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

TOMASI, Tanize; LOWEN SAHR, Cicilian Luiza. Espacialidades e interações sociais: a agência de redes na "Festa do Padroeiro Bom Jesus" da comunidade quilombola de Santa Cruz (Ponta Grossa/PR). *GEOgraphia*, Niterói – RJ, Vol. 14, No. 28, p. 110 – 137, 2012.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*. 1ª Edição. São Paulo: Difel, 1983.